

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAMPUS DE FREDERICO WESTPHALEN
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS AGRONÔMICAS E AMBIENTAIS
CURSO DE AGRONOMIA**

**CARACTERIZAÇÃO DA CULTURA DO FUMO NO
VALE DO RIOPARDO/RS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Valpídes Junior Staats

**Frederico Westphalen, RS
2022**

Valpídes Junior Staats

CARACTERIZAÇÃO DA CULTURA DO FUMO NO VALE DO RIOPARDO/RS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Agronomia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Engenheiro Agrônomo**.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Panno

Frederico Westphalen, RS
2022

Valídes Junior Staats

CARACTERIZAÇÃO DA CULTURA DO FUMO NO VALE DO RIOPARDO/RS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Agronomia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Engenheiro Agrônomo**.

Aprovado em 26 de julho de 2022:



Prof. Dr. Fernando Panno (UFSM/FW)
(Presidente/Orientador)



Prof. Dr. Igor Senger (UFSM/FW)



Janine Diéle Feltes (mestranda da UFSM/FW)

AGRADECIMENTOS

Hoje estou realizando um sonho, mas foi preciso muito esforço, determinação e perseverança para chegar até aqui, e sei que nada disso, eu conseguiria sozinho. Sou muito grato a todos aqueles que colaboraram para que este sonho se materializasse.

Agradeço aos meus pais, Valpídes e Tereza, meus maiores exemplos. Obrigado por cada incentivo e orientação, pelas orações, pela preocupação para que estivesse sempre andando pelo caminho correto.

A minha irmã Vanessa, que cresceu comigo e me ensinou o amor fraterno, dividindo todos os momentos e cedendo muito em meu favor, para que eu chegasse aonde cheguei e para que eu alcançasse meus objetivos.

A minha filha Martína que está chegando neste momento tão especial da minha vida e à Julia pela compreensão e amor.

Obrigado a todos que, mesmo não estando citados aqui, tanto contribuíram para a conclusão desta etapa e para a pessoa que sou hoje.

*“A tarefa é não tanto para ver o que ninguém viu ainda, mas pensar o que ninguém
ainda pensou sobre o que todo mundo vê.”
(Arthur Schopenhauer)*

RESUMO

CARACTERIZAÇÃO DA CULTURA DO FUMO NO VALE DO RIOPARDO/RS

AUTOR: Valpídes Junior Staats
ORIENTADOR: Fernando Panno

A fumicultura é uma atividade agrícola de grande relevância no Rio Grande do Sul, que se destaca como maior produtor de fumo em folha do país, sobretudo, na região do Vale do Rio Pardo, por sua representatividade na indústria fumageira do Brasil, sendo responsável por cerca de 20% da produção nacional de fumo. Como forma de analisar estes fatores, este trabalho buscou construir uma caracterização dos aspectos históricos, sociais e de mercado no cultivo de fumo na região do Vale do Rio Pardo. A pesquisa, quanto aos seus procedimentos técnicos, foi caracterizada a partir de bases teóricas, da análise de dados estatísticos e dados secundários, assim como de estudos científicos que auxiliaram na interpretação histórica e na atual configuração da cultura do fumo no Vale do Rio Pardo, considerando o desenvolvimento, as características da região na produção e no uso do território na produção fumageira. Analisando o cenário atual, em que persiste a predominância da cultura do fumo, ressalta-se a importância do reconhecimento dos jovens como atores para o desenvolvimento e sucessão nos estabelecimentos, para manutenção e introdução de novos cultivos nas propriedades produtoras em fumo da região. Além disso, os programas de apoio aos produtores de fumo proporcionam maior possibilidade de crescimento e aumento da renda na agricultura familiar, melhorando as perspectivas, condições familiares e econômicas.

Palavras-chave: Fumicultura. Fumo. Agricultura. Caracterização. Vale do Rio Pardo.

ABSTRACT

CHARACTERIZATION OF TOBACCO CULTURE IN VALE DO RIOPARDO/RS

AUTHOR: Valpídes Junior Staats

ADVISOR: Fernando Panno

Tobacco farming is an agricultural activity of great importance in Rio Grande do Sul, which stands out as the largest producer of leaf tobacco in the country, especially in the region of Vale do Rio Pardo, due to its representation in the tobacco industry in Brazil, being responsible for about 20% of national tobacco production. As a way of analyzing these factors, this work sought to build a characterization of the historical, social and market aspects of tobacco cultivation in the region of Vale do Rio Pardo. The research, regarding its technical procedures, was characterized from theoretical bases, the analysis of statistical data and secondary data, as well as scientific studies that helped in the historical interpretation and in the current configuration of the tobacco culture in the Vale do Rio Pardo, considering the development, the characteristics of the region in the production and in the use of the territory in the tobacco production. Analyzing the current scenario, in which the predominance of tobacco culture persists, the importance of recognizing young people as actors for the development and succession in establishments, for maintenance and introduction of new crops in tobacco producing properties in the region is highlighted. In addition, programs to support tobacco growers provide greater possibilities for growth and increased income in family farming, improving prospects, family and economic conditions.

Keywords: Tobacco culture. Tobacco. Agriculture. Characterization. Vale do Rio Pardo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - COREDE Vale do Rio Pardo.....	5
Figura 2 - Evolução demográfica do Vale do Rio Pardo 1996-2019.....	6
Figura 3 - Quantidade produzida de fumo em folha, média 2016-2018.....	7
Figura 4 - Evolução da quantidade produzida e área plantada de fumo em folha no Brasil -2008-2018.....	8
Figura 5 - Produção de fumo em folha (toneladas) – Região Sul.....	9
Figura 6 - Quantidade produzida de fumo em folha no RS média 2016-2018.....	10
Figura 7 - Principais produtores de fumo em folha no mundo – 2018.....	16
Figura 8 - Produção de fumo em folha seca a nível Brasil, Rio Grande do Sul e Região do VRP.....	17
Figura 9 - Número de estabelecimentos agropecuários envolvidos em cada cultura no Brasil.....	18
Figura 10 - Número de estabelecimentos agropecuários envolvidos em cada cultura no Rio Grande do Sul.....	19
Figura 11 - Número de estabelecimentos agropecuários em cada cultura no Vale do Rio Pardo.....	19
Figura 12 - Utilização da área nas propriedades fumicultoras no Brasil.....	21

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
OBJETIVOS.....	11
Objetivo Geral.....	11
Objetivo Específico.....	11
JUSTIFICATIVA	11
REFERENCIAL TEÓRICO	13
CARACTERIZAÇÃO GERAL E RURAL DA REGIÃO DO VALE DO RIO PARDO	13
HISTÓRICO CULTURA FUMAGEIRA NO BRASIL E NA REGIÃO ESTUDADA.....	17
CULTIVO DO FUMO NO BRASIL E NO VALE DO RIO PARDO: PRODUÇÃO E MERCADO.....	24
O PROCESSO DE DIVERSIFICAÇÃO DA REGIÃO DO VALE DO RIO PARDO.....	26
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	29
CONCLUSÕES	31
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

O fumo é a principal cultura do Vale do Rio Pardo e seu cultivo é uma tradição passada de pai para filho. Além disso, outra característica regional é a presença das indústrias tabacaleiras e seus complexos agroindustriais (ESAU & DEPONTI, 2020).

Historicamente, a monocultura do fumo se estabeleceu na Microrregião Geográfica de Santa Cruz do Sul facilmente, pois a região era considerada “não apta ao cultivo de grandes culturas como soja e trigo, também não era considerada apta nem para a produção pecuária, por ser formada de “pequenas propriedades de produção familiar, na medida em que nestas existe a mão de obra necessária para este cultivo” (ETGES, 1991).

Embora os jovens apareçam inseridos desde muito cedo nas tarefas ligadas à produção e embora se reconheça que a maioria não têm o devido espaço na tomada de decisões na propriedade, considera-se extremamente importante reconhecer que os jovens são atores centrais no processo de desenvolvimento rural, da mesma forma que são os responsáveis pela manutenção das propriedades e pela introdução da diversificação de cultivos, sobretudo em regiões produtoras de fumo (TROIAN, 2014).

Para Brumer et al. (2000), as perspectivas da permanência dos filhos na atividade agrícola dependem principalmente das condições internas das famílias, tanto econômicas quanto sociais. A viabilidade econômica da propriedade, e a qualificação para a entrada de novos mercados, as estratégias de obtenção de rendas complementares, a relação entre pais e filhos, a questão de gênero e a escolha profissional.

Diante disso, partindo do pressuposto de que para haver desenvolvimento rural é necessário a presença de capital humano, sobretudo dos jovens, numa perspectiva de que estes permaneçam no meio rural, promovendo o desenvolvimento local, o presente estudo tem como propósito apresentar um panorama sobre os aspectos socioeconômicos e as perspectivas das famílias no campo. Este estudo busca relacionar a importância da cultura do fumo nos municípios da região do Vale do Rio Pardo com outros indicadores associados aos níveis econômico e de desenvolvimento humano, comparando características de produtores rurais ligados à fumicultura. Além disso, com base num breve diagnóstico da região, caracterizar as principais alterações socioeconômicas ocorridas no Vale do Rio Pardo, a fim de compreender de que forma elas têm incidido sobre o fenômeno da migração rural.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Fazer uma caracterização da cultura do fumo na região do Vale do Rio Pardo, considerando aspectos históricos, de mercado e sociais.

Objetivo Específico

Dentre os objetivos específicos estabelecidos a serem alcançados nesta pesquisa, constam:

- Construir uma base teórica acerca da cultura do fumo no Brasil e na região estudada.
- Buscar dados estatísticos e estudos científicos sobre a cultura do fumo na região estudada para compreender suas particularidades.
- Desenvolver uma relação entre a cultura do fumo e o desenvolvimento das propriedades e famílias produtoras de fumo.
- Analisar o processo de diversificação da produção agrícola como estratégia de desenvolvimento e manutenção de pequenas propriedades rurais.

JUSTIFICATIVA

Nos estados brasileiros, tem havido, nas últimas décadas, uma significativa redução da população rural, afetando também a cultura do fumo. O Rio Grande do Sul é, dentre os estados brasileiros, o que tem apresentado a taxa mais baixa de redução da população rural, mas, como em outros estados, esta vem diminuindo a cada ano, segundo os dados dos censos do IBGE. Em 1960, a população rural compreendia 55,1% do total da população do Rio Grande do Sul e de 19,0% em 2001.

Segundo Ruffoni (2017), desde 2012 tem havido uma redução dos jovens trabalhadores no campo. Haja vista que o processo de produção é de baixa tecnologia, utilizando intensa mão de obra, o êxodo rural da população jovem do campo em busca de condições melhores é um problema que impacta sobremaneira nas no futuro das propriedades rurais.

Também a viabilidade econômica do empreendimento, a qualificação

necessária ao novo agricultor, as oportunidades e as estratégias de obtenção de rendas complementares às atividades agrícolas, as relações de gênero, a escolha profissional e a valorização da profissão de agricultor, bem como a apreciação da vida no campo, são fatores que interferem na formação de novas gerações de agricultores (BRUMER, 2004).

Com a sua ratificação, o governo brasileiro, através do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) lançou o Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco (PNCT), visando atuar nas áreas de financiamento, acesso à tecnologia, agregação de valor à produção local e garantia de comercialização (BRASIL, 2010). O PNCT operacionaliza as suas políticas através de três principais programas: o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa Nacional de Desenvolvimento da Agricultura Familiar (PRONAF), conforme citado no trabalho de Lima, 2015.

O desenvolvimento rural da região do Vale do Rio Pardo, tem se modificado lentamente, pela introdução de outras culturas como frutíferas, hortaliças, grãos e leguminosas, destinadas ao mercado local, através de feiras rurais dos municípios, feiras ambulantes e comércio em alguns estabelecimentos locais, assim como nos programas institucionais do governo, como o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e PNAE (Programa Nacional da Alimentação Escolar), com garantia de comércio (BONATO, 2013).

REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo, que apresenta a proposta de análise bibliográfica do estudo, é dividido em três partes. A primeira parte traz um resgate da construção regional e do espaço rural da região do Vale do Rio Pardo e faz uma breve apresentação da entrada da cultura do fumo desta região, com contextos históricos da cultura fumageira.

A segunda parte traz estudos científicos e informações estatísticas do cenário global e local da indústria do fumo e destaca a evolução da região do Vale do Rio Pardo frente à produção nacional de fumo a partir de indicadores de produção e exportação de fumo a partir de fontes de informações originárias de estudos já homologados sobre nível socioeconômico.

Por fim, faz uma construção, através de estudos secundários, das alterações nas características de produção de fumo e no uso do território para a produção das lavouras, assim como particularidades acerca da diversificação produtiva na região, como alternativa de manutenção dos agricultores familiares no campo.

CARACTERIZAÇÃO GERAL E RURAL DA REGIÃO DO VALE DO RIO PARDO

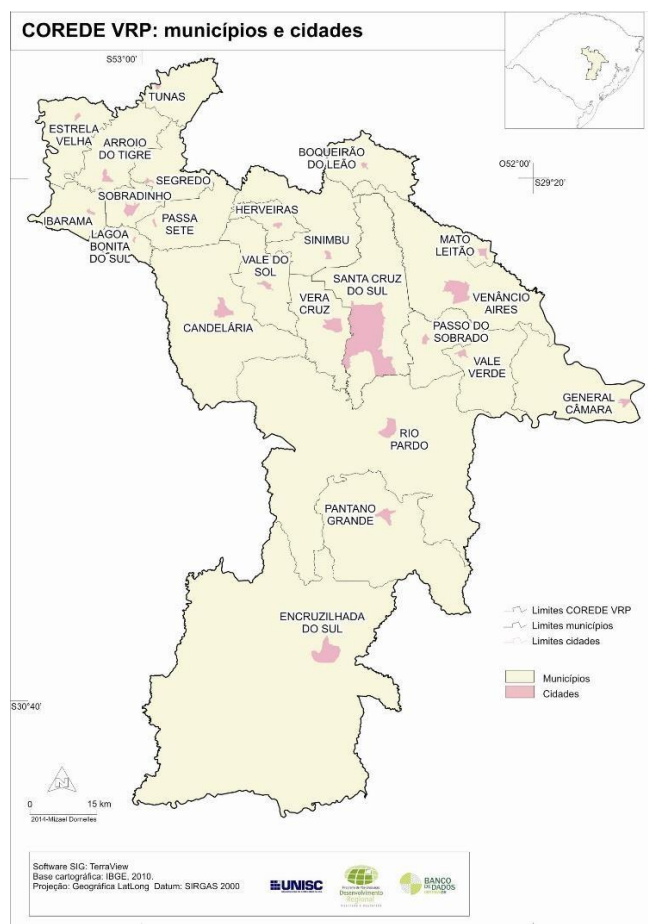
Para a identificação da Microrregião Geográfica de Santa Cruz do Sul utilizaram-se dados referentes à Divisão Regional realizada pelo IBGE e que divide o território em Microrregiões.

A região de abrangência do Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Rio Pardo (COREDE/VRP) situa-se na parte centro-oriental do Rio Grande do Sul e sua extensão territorial abrange uma área de 13.171,7 km². O território regional é constituído por 23 municípios e atualmente possui uma população de aproximadamente 408.583 habitantes, resultando em uma densidade demográfica média de 31,02 habitantes/km² (FEE, 2016 apud PETRY; SILVEIRA, 2017). O espaço regional é delimitado pelas seguintes coordenadas geográficas: no extremo norte, pela latitude 29°02'37" S, no extremo sul, pela latitude 30°57'22" S; no extremo leste, pela longitude de 51°43'58" W, e no extremo oeste, pela longitude de 53°16'47" W (PETRY; SILVEIRA, 2017).

Os vinte e três municípios que atualmente constituem o COREDE do Vale do

Rio Pardo são os seguintes: Arroio do Tigre, Boqueirão do Leão, Candelária, Encruzilhada do Sul, Estrela Velha, General Câmara, Herveiras, Ibarama, Lagoa Bonita do Sul, Mato Leitão, Pantano Grande, Passa Sete, Passo do Sobrado, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Segredo, Sinimbu, Sobradinho, Tunas, Vale do Sol, Vale Verde, Venâncio Aires e Vera Cruz. Na Figura 2, a seguir, é possível observar a configuração territorial da região, a localização dos vinte e três municípios e de suas respectivas sedes municipais (PETRY; SILVEIRA, 2017).

Figura 1 - COREDE Vale do Rio Pardo.



Fonte: Plano estratégico de desenvolvimento regional do Vale do Rio Pardo 2015-2030 (PETRY; SILVEIRA, 2017).

Conhecida como importante núcleo da agroindústria fumageira do sul do Brasil, a região revela-se como interessante objeto de análise — no contexto do desenvolvimento regional — sobretudo, quando consideramos que cerca de 85% do fumo produzido na região é destinado à exportação, o que implica, por si só, uma grande vulnerabilidade regional face ao mercado externo, dominado por pequeno número de grandes empresas (BREITBACH, 2014).

A Vale do Rio Pardo, segundo dados do IBGE (2017), possui grande representatividade indústria fumageira do Brasil, responsável por cerca de 20% da produção nacional de fumo. Na safra 2020-2021, a região do Vale do Rio Pardo foi responsável por 14% da produção de fumo do Rio Grande do Sul (AFUBRA, 2021).

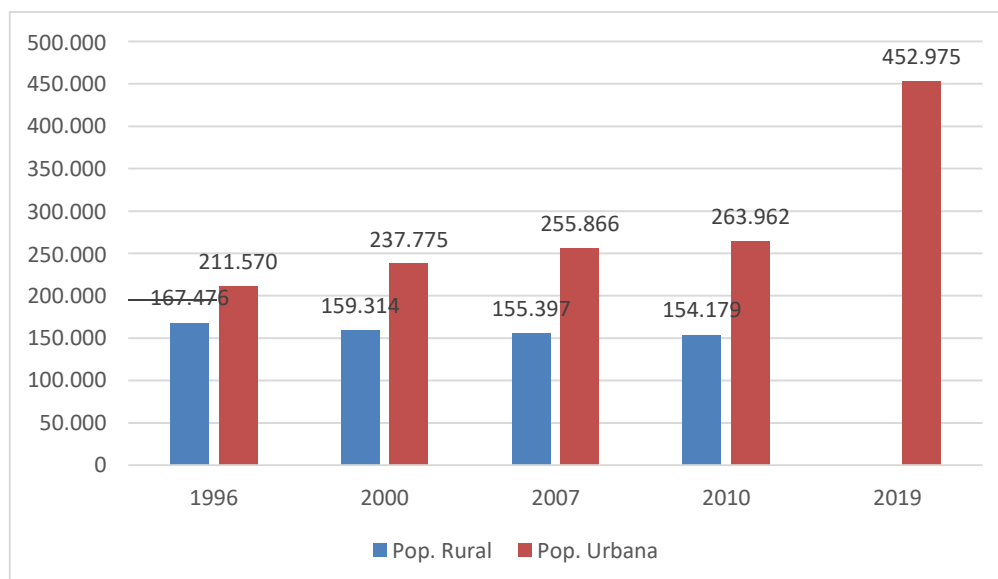
Sob esta perspectiva, a atividade de processamento do fumo e de fabricação do cigarro representam, atualmente, 70% da receita vinda de impostos no município de Santa Cruz do Sul (AFUBRA, 2021).

Nos aspectos populacionais, no Vale do Rio Pardo, segundo dados do IBGE, tanto do Censo Demográfico 2000 e 2010 quanto na Contagem da população em 1996, 2007 e 2019, houve um leve aumento da população urbana, como um todo, ao longo dos anos, passando de 379.046 pessoas em 1996 para 263.962 pessoas em 2010, um aumento de 19,85% em 14 anos.

Já a população rural passou de 167.476 pessoas em 1996 para 154.179 pessoas em 2010, um decréscimo de 8,63%.

A população total, urbana e rural, estimada para 2019, na época, foi de 452.975 mil pessoas.

Figura 2 - Evolução demográfica do Vale do Rio Pardo 1996-2019.



Fonte: IBGE (1996, 2000, 2007, 2010 e 2020).

O fumo destaca-se dentre as lavouras temporárias não destinadas à produção de grãos, passando de 174,3 mil hectares em 2006 para 148,7 mil hectares

ocupados em 2017. A cultura do fumo é desenvolvida principalmente em pequenas propriedades, uma vez que é intensiva em mão de obra, e está concentrada nas regiões do Vale do Rio Pardo, Centro-Sul e Sul do Estado (FEIX E LEUSIN, 2019).

Em 2017, considerando todos os municípios no Vale do Rio Pardo, a área destinada à cultura fumageira somou 54,2 mil hectares. Segundo divulgado pelo Censo Agropecuário 2017, no RS, a área média dos estabelecimentos agropecuários familiares nos municípios no Vale do Rio Pardo era de 2,5 hectares (Censo Agropecuário, 2017).

Já em se tratando de valores, enquanto em 2017 o Rio Grande do Sul atingiu o valor de R\$2,4 bi da produção das lavouras de Fumo em folha seca, 37% deste total se refere à Região do Vale do Rio Pardo.

Figura 3 - Quantidade produzida de fumo em folha, média 2016-2018.



Fonte: FAO/FAOSAT.

Apenas em 2017, de acordo com o Censo Agropecuário, o Rio Grande do Sul produziu 295.920 toneladas de fumo, sendo o Vale do Rio Pardo o responsável por produzir 107.718 toneladas, representando 36% da quantidade produzida no estado. Segundo a base de dados do Programa Estadual de Agroindústria Familiar (PEAF), coordenado e operacionalizado pela Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural, em maio de 2019, estavam cadastradas 1.334 agroindústrias familiares no RS (FEIX E LEUSIN, 2019).

As exportações do Estado estão diretamente associadas ao agronegócio e correspondeu a 58,2% do total das vendas externas do Estado em 2018 (FEIX E

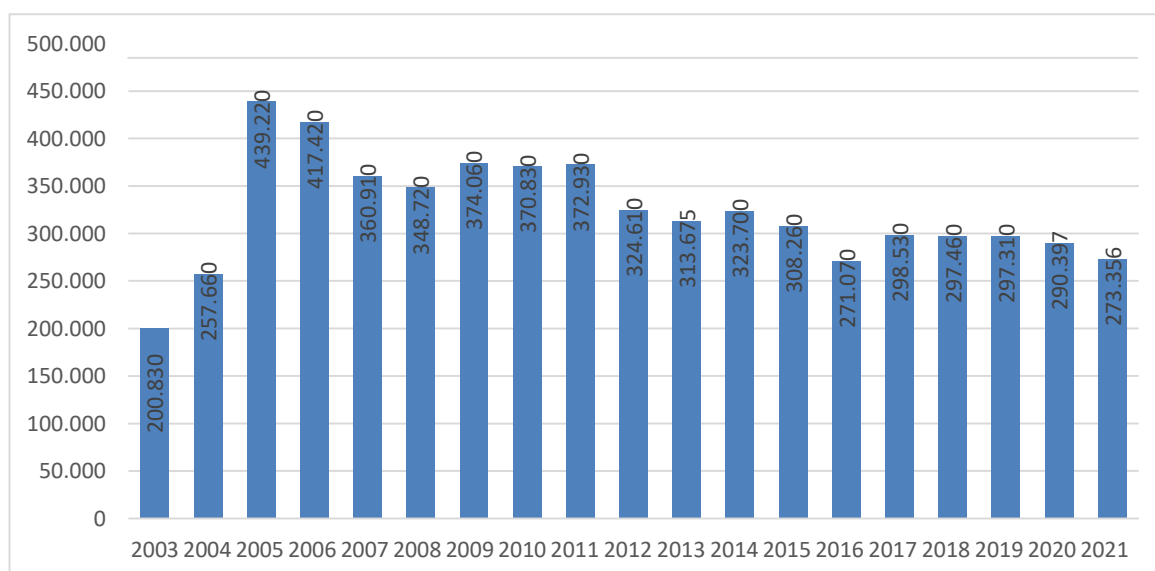
LEUSIN, 2019). Entre 2007 e 2018, as exportações do agronegócio gaúcho cresceram a uma taxa média de 3,6% ao ano.

Feix e Leusin (2019) apontam que, no primeiro semestre de 2019, as exportações do agronegócio gaúcho somaram US\$ 5,1 bilhões, o que representa uma redução de 15,5% em relação a igual semestre de 2018. O resultado negativo do setor foi explicado pela expressiva queda nos volumes embarcados e nos preços médios, que caíram 15%.

HISTÓRICO CULTURA FUMAGEIRA NO BRASIL E NA REGIÃO ESTUDADA

Nas primeiras décadas do século XX, devido ao crescente consumo de cigarros tanto no mercado interno quanto externo, houve uma gradativa diminuição da produção de tabacos escuros destinados a produção de charutos, como os cultivados nos estados do Nordeste do país, enquanto na Região Sul a produção ampliava-se e se especializava em tabacos claros, ideais para a confecção de cigarro (ETGES, 1991).

Figura 4 - Evolução da área plantada de fumo em folha (hectares) – Região Sul - 2003-2021.

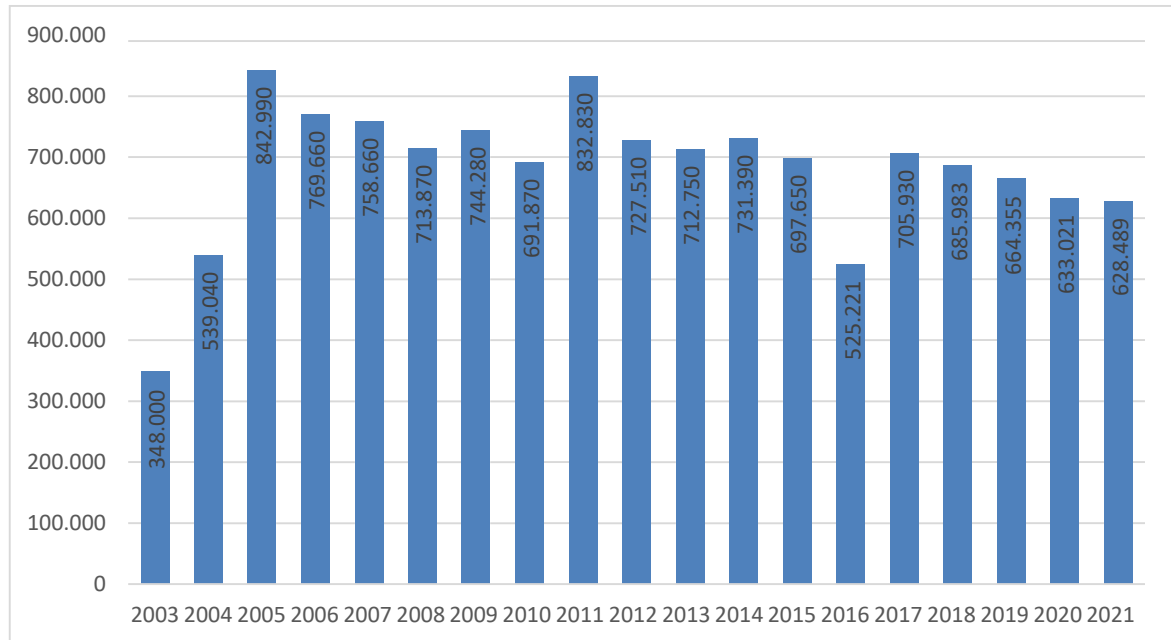


Fonte: Afubra, 2022.

Segundo dados da Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA, 2021), o fumo é largamente cultivado nos três estados da região sul do país: Rio Grande do

Sul, Santa Catarina e Paraná, sendo estes, responsáveis por 98% da produção brasileira.

Figura 5 - Produção de fumo em folha (toneladas) – Região Sul.



Fonte: Afubra, 2022.

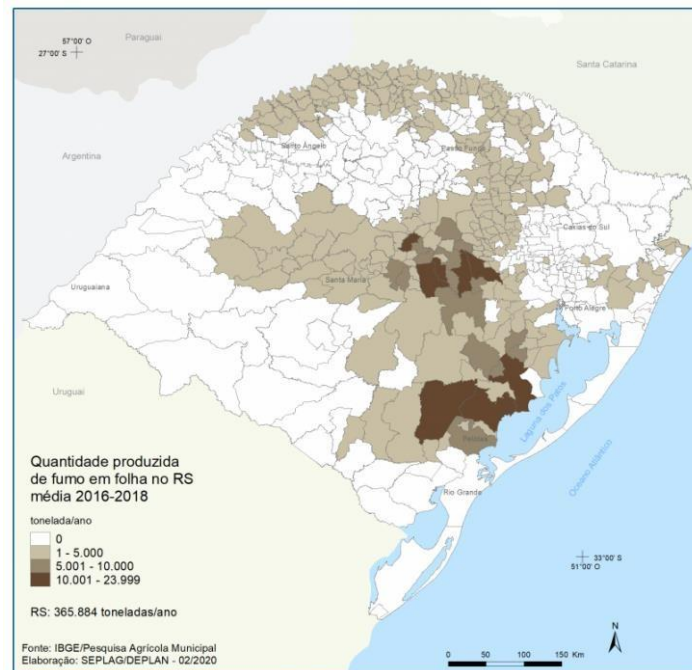
A região do Vale do Rio Pardo é caracterizada por pequenas propriedades rurais (em torno de 10 hectares) onde a maior parte da renda dos produtores é gerada pelo cultivo de fumo, em torno de 73% e o restante, do cultivo de alimentos, (RUDNICK; WAQUIL, 2012).

Segundo Guilhoto et al. (2006) a atividade da fumicultura é praticamente inexistente no sistema de cultivo latifundiário, tendo como sua totalidade desenvolvida em pequenas propriedades familiares. Apesar da característica de produção em pequenas propriedades, a fumicultura é destaque na produção mundial, sendo assim, o segundo maior produtor do mundo, atrás da China, com estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná sendo responsável por 97,9% da produção nacional nos anos de 2014/15.

Na pesquisa de Rudnick e Waquil (2012), constatou-se que em Santa Cruz do Sul, 72% da renda dos produtores é proveniente da produção do fumo, advindo de uma integração entre produção, processamento e comercialização da rede agroindustrial do fumo instituída na região. Ao longo dos anos, tanto as empresas processadoras de fumo, como os agricultores familiares da região, abrangeram novas tecnologias e geraram alto grau de especialização da produção do fumo

(RUDNICK; WAQUIL, 2012).

Figura 6 - Quantidade produzida de fumo em folha no RS média 2016-2018.



Fonte: Atlas Socioeconômico do RS, 2020.

Embora apresente resultados notáveis no cenário mundial o produtor brasileiro é pouco remunerado quando comparado a países como Estados Unidos e Japão. No Brasil o fumicultor chega a receber até 13,5 vezes menos pelo produto, no entanto, apesar da baixa remuneração ao produtor, o fumo ainda é uma das culturas mais rentáveis na agricultura familiar (SILVEIRA et al., 2011).

Segundo Zimmermann (2009) é no Estado do Rio Grande do Sul (RS), que se concentra a maior produção de fumo em folhas do Brasil, e conseqüentemente da região sul. Com a maior parte da produção localizada na região do Vale do Rio Pardo (VRP), o Rio Grande do Sul é responsável por cerca de 50% de toda a produção entre os três estados do sul do Brasil. Assim como no Estado do Paraná e em Santa Catarina, a cultura do tabaco no RS também é realizada em pequenas propriedades, alicerçada na agricultura familiar. Como a maior parte da produção está localizada no VRP, cerca de 39,2 % de todo o tabaco produzido no RS, o complexo industrial de transformação e beneficiamento desse tabaco, também está instalado nesta região. Neste vale, destacam-se três dos cinco maiores municípios produtores do Estado: Venâncio Aires, Candelária, e Santa Cruz do Sul. O restante da produção tem origem em outras duas regiões, com quantidades significativas, sendo que no Centro-Sul,

município de Camaquã é o maior produtor, e no Sul, com destaque para o município de Canguçu.

Além do produtor rural, o setor fumageiro sustenta uma cadeia produtiva de 2,2 milhões de pessoas entre trabalhadores da indústria de processamento, fabricantes, varejistas, transportadores, comerciantes de insumos, materiais de construção, máquinas e implementos, e gerando receita de aproximadamente 5 bilhões de reais (AFUBRA, 2016).

Pensar em alternativas de diversificação que garantam uma maior autonomia para os produtores rurais e que possibilite o mesmo rendimento que a fumicultura em pequenos espaços de terra é o grande desafio das políticas atreladas ao Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Fumo. Ou seja, alternativas que asseguram a comercialização da produção, assistência técnica, acesso ao crédito, como ocorre na fumicultura, mas que não cause dependência e subordinação dos produtores rurais. (VILLWOCK et al. 2017).

Segundo Perondi et al (2008) o programa está fundamentado em 4 eixos estratégicos: o financiamento, a pesquisa, a assistência técnica e extensão rural e o apoio ao fortalecimento de mercado dos produtos alternativos ao fumo.

Outro importante aspecto dessa cadeia é em função dos impostos gerados pela indústria fumageira. Em torno de 70% da receita fica com o Estado. Em se tratando de uma indústria que movimenta bilhões todos os anos, esse valor significou uma média anual em torno de 15 bilhões de reais entre 2017 e 2019 (AFUBRA, 2021).

Praticamente toda a produção de fumo em folhas do Brasil, que é o maior exportador mundial deste produto, está concentrada nos três Estados da Região Sul, cerca de 96% da produção brasileira, em 682 municípios – 147 no Paraná, 236 em Santa Catarina e 299 no Rio Grande do Sul (BIOLCHI, 2005).

Em que pese as diversas teorias e divergências sobre a origem do fumo, é preciso ter em conta o que destaca Etges (1991) com base na obra *A História do Fumo Brasileiro* de Jean Batisti Nardi (1985), quando afirma que: O local provável para o surgimento do fumo tenha sido os vales orientais dos Andes Bolivianos e dali tenha se difundido através do território brasileiro pelas migrações indígenas, sobretudo Tupy-Guarani. Quando da chegada dos europeus, o fumo era de uso comum nas tribos indígenas e cultivado em toda a costa brasileira. Depois da chegada do navegador genovês a serviço da coroa espanhola, Cristóvão Colombo, o fumo passou a ser conhecido em vários lugares (ETGES, 1991).

Dutra e Hilsinger (2013) comentam que a política de incentivos do governo nos primeiros anos do século XX possibilitou a desconcentração espacial do cultivo, com o surgimento da produção em estados como Goiás e Minas Gerais. Mas foi, sobretudo no Rio Grande do Sul que, em decorrência da ampla disponibilidade de mão-de-obra, houve a expansão da área cultivada, com destaque para o atual município de Santa Cruz do Sul, onde naquele momento se instalava a expressiva colônia alemã.

Segundo consta em Lambertz e Riedl (1914), a Colônia de Santa Cruz, a primeira fundada e gerida pela Província de São Pedro, recebeu seus primeiros colonizadores alemães, num total de 12 pessoas, em 19 de dezembro de 1849. A região destinada aos colonos foi a depressão central, junto à encosta inferior da serra, para que ocorresse o povoamento da recém-aberta estrada que ligava a cidade de Rio Pardo à Cruz Alta, "A Estrada de cima da Serra". As terras ocupadas foram aquelas previstas e cedidas pelo II Império através da Lei 514, de 1848, que incentivava a imigração e atribuía ao governo provincial o direito de colonizar.

Em Vogt (1994) é possível conhecer que, de conformidade com a legislação vigente, a administração provincial distribuiu, gratuitamente, lotes coloniais que possuíam 100.000 braças quadradas, o equivalente a 48,4 hectares. Já a partir de 1854, com a Lei Provincial que regulamentava a Lei de Terras de 1850, os lotes passaram não mais a serem doados, mas vendidos, podendo ser pagos num prazo não superior a 5 anos. Até o advento desta lei, os imigrantes, além das terras, recebiam sementes, instrumentos de trabalho, indenização de viagem e ajuda em dinheiro. A partir desta lei, o dinheiro recebido para o custeio das despesas iniciais era não mais doação do governo, mas adiantamento reembolsável.

A cultura do fumo, por sua vez, ainda era muito recente, embora estivesse presente desde a fundação da Colônia de Santa Cruz. Somente 23% do fumo da época era cultivado para exportação (CUNHA, 1991). A fumicultura foi estimulada pelo então governo, deliberadamente incentivada através da distribuição de sementes do produto vindas de Cuba e divulgação de informações técnicas de cultivo. Havia um desejo das autoridades que os colonos deixassem de cultivar outros produtos do campo. Nos anos seguintes, a produção de fumo desbancou as principais culturas – milho e feijão – em função de seu alto valor comercial.

Nesse sentido, Karnopp et al. (2016) afirmam que a cultura do fumo no Vale do Rio Pardo surgiu depois de que os habitantes locais, bem como os antepassados dos colonizadores, estivessem habituados a cultivar alimentos.

Para Gressler (1949), agricultura de subsistência foi, indubitavelmente, a primeira etapa pela qual passaram os imigrantes que se radicaram na Colônia. Tal fato deu-se em virtude do insulamento em que está se encontrava e, sobretudo, porque anteriormente não existia qualquer atividade econômica no local. A primeira plantação antecedia, necessariamente, o desmatamento, a queima e a limpeza de um pequeno roçado.

Assim, pelo estudo de Vogt (1994), percebeu-se que o colono produziu o necessário à sua subsistência na sua própria propriedade, exceção feita ao sal, roupas e ferramentas. Por outro lado, esteve presente, também, o estímulo a cultivos de boa aceitação no mercado, o que possibilitaria aos colonos saldarem suas dívidas com o tesouro provincial e melhorarem suas condições materiais de existência. Dentre as plantações testadas, o fumo, a médio e longo prazos, proporcionou os resultados mais satisfatórios.

Para Vogt (1994), um maior número de lotes passou a ser ocupado e as roças foram, pouco a pouco, substituindo as florestas. A produção, em vista disso, cresceu paulatinamente. Em 1869 a exportação do fumo em folha atingiu 40.000 arrobas; em 1870 passou para 45.000; já, em 1874, saíram 1.028.272 kg de fumo de Santa Cruz. O fumo tornou-se concretamente o carro-chefe da economia local. O fato da região de Santa Cruz se especializar na produção do fumo talvez possa ser tributada a uma necessidade histórica. Entretanto, efetivamente, o fumo desta região colonial do Rio Grande foi se firmando no mercado interno e externo.

O crescimento da produção fumageira durante a década de 1870, provavelmente ocorreu em virtude da introdução de novas variedades de fumo na região - o tipo Chinês, e o estancamento do cultivo nas décadas de 80, 90 e primeiro decênio do século XX (MENEZES, 1914).

A fabricação do cigarro industrializado de papel, teve seu lançamento no Brasil somente em 1903, quando Albino Souza Cruz instalou sua fábrica na então capital brasileira, o Rio de Janeiro. Até então, o cigarro era muito pouco consumido no país (NARDI, 1985).

O próximo período na história do fumo é marcado pela consolidação da indústria de fumo na região. A partir da associação de seis estabelecimentos de preparação do fumo para exportação, surge a Companhia de Fumos Santa Cruz, em 1918. Após, inaugura a Souza Cruz, instalada em 1919. As próximas empresas a iniciarem as operações são a Tabacos Tatasch S/A, fundada em 1923 e a Cia. de

Cigarros Sinimbu, propriedade familiar, fundada em 1948 (MEYER,1993).

Fruto da necessidade de aumento da produção e do florescente comércio, em muitos casos, os próprios colonos recorreram a cruzamentos de variedades de fumo, sendo os tipos predominantes os fumos escuros e fumos claros. Todavia, os fumos escuros ficaram restritos a cultivos no nordeste do Brasil, especialmente para confecção de charutos, enquanto os fumos claros deram resultado efetivo no Rio Grande do Sul. Em 1870 foi introduzido o tipo 'chinês' do qual se originou o 'amarelinho' que passou a ser cultivado em larga escala na província (ETGES, 1991). Segundo Ludwig (1949), este tipo de folha destinava-se não à fabricação de cigarros, mas como subcapa e recheio na confecção de charutos.

Dutra (2013), em seu trabalho, diz que, ao enfocarem-se os aspectos quantitativos da fumicultura, pode-se perceber a dinâmica que envolve a atividade, articulando diferentes escalas e esferas de influência (local, regional e global). Os números evidenciam as transformações da agricultura brasileira e as implicações do processo de modernização, caracterizando uma nova realidade, em pleno desenvolvimento. Os principais países exportadores de fumo são Estados Unidos da América, Zimbábue e Brasil. Os dois primeiros países que foram significativos na exportação, até o início dos anos 1990, perdem posições no mercado internacional, todavia é preciso salientar que, ao longo dos anos 1990, por uma série de razões o Brasil passa a liderar as exportações em nível mundial.

O Brasil, de uma posição secundária no mercado internacional do fumo em folha, assume destaque a partir dos anos de 1990, quando houve expansão nas áreas cultivadas no sul do país, sobretudo no estado do Rio Grande do Sul (DUTRA, 2013). Ainda, segundo Dutra (2013), a qualidade do fumo brasileiro é uma das características que o tornam diferenciado no mundo inteiro. Suas propriedades físico-químicas únicas e uma estruturada cadeia de produção possibilitam enorme capilaridade dos mercados atendidos. Conforme expressa a Tabela 2, o fumo brasileiro possui inserção em vários continentes.

Os países da União Europeia são os que absorvem boa parte do fumo exportado pelo Brasil, todavia mercados do Extremo Oriente, representados em especial por China e Japão, são importantes, principalmente os chineses por seu mercado de consumo (DUTRA, 2013).

CULTIVO DO FUMO NO BRASIL E NO VALE DO RIO PARDO: PRODUÇÃO E MERCADO

A Ásia e as Américas, segundo a Food and Agriculture Organization – FAO são as maiores regiões produtoras de fumo do mundo, com 64% e 21%, respectivamente, da produção mundial. Entre os países, a China é o maior com 42% do total. O Brasil com 12% e uma produção de 862.396 toneladas em 2018 ocupa a segunda posição. Para a Região Sul do país, a cultura do fumo é uma das atividades agroindustriais mais significativas, como no Rio Grande do Sul, que é o maior produtor de fumo em folha do Brasil, onde a participação do tabaco representou 9,52% no total das exportações (SINDITABACO, 2021).

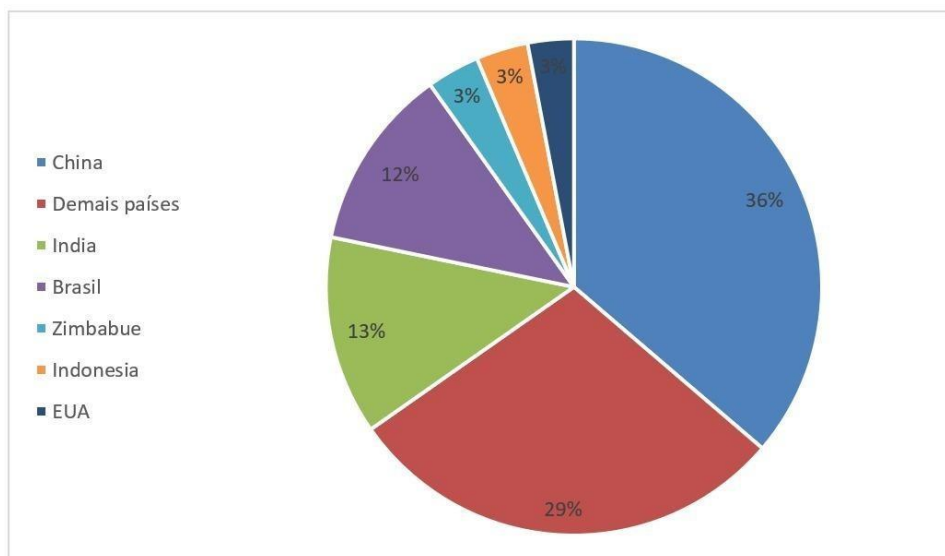
Em 2020, o tabaco representou 0,8% do total de exportações brasileiras e 4,1% dos embarques da Região Sul, sendo que, nas exportações do agronegócio brasileiro, o tabaco ocupa a oitava posição. No Rio Grande do Sul, estado que concentra quase a metade da produção brasileira, o produto foi responsável por 9,5% do total das exportações (SINDITABACO, 2021).

De acordo com o Sinditabaco (2021), o principal mercado brasileiro em 2020 foi a União Europeia, destino de 41% do tabaco exportado, seguida pelo Extremo Oriente (24%), África/Oriente Médio (11%), América do Norte (9%), América Latina (9%) e Leste Europeu (6%). Entre os países, a Bélgica (US\$ 414 milhões) continua sendo o principal importador do produto, seguido da China (US\$ 153 milhões) e Estados Unidos (US\$ 125 milhões). Na sequência da lista dos principais clientes estão a Indonésia (US\$ 98 milhões), Emirados Árabes Unidos (US\$ 74 milhões), Turquia (US\$ 55 milhões) e Rússia (US\$ 54 milhões).

Hilsinger, 2016 comenta que por utilizar mão de obra intensiva, a cultura fumageira é desenvolvida principalmente em pequenas propriedades familiares, que ficam localizadas, geralmente, no entorno das indústrias de beneficiamento do produto. Significativamente, no Rio Grande do Sul, estão localizadas, na região do Vale do Rio Pardo, Centro Sul e Sul.

Em 2007, segundo dados do IBGE (PAM - Produção Agrícola Municipal), a produção brasileira de fumo foi de 908 mil toneladas, equivalente a R\$ 3,5 bilhões, em uma área de 460 mil hectares. A região Sul é responsável por 93,8% da produção brasileira, sendo que o Rio Grande do Sul responde, sozinho, por mais da metade da produção total.

Figura 7 - Principais produtores de fumo em folha no mundo – 2020



Fonte: FAO/FAOSAT(2021).

Em 2007, segundo dados do IBGE (PAM - Produção Agrícola Municipal), a produção brasileira de fumo foi de 908 mil toneladas, equivalente a R\$ 3,5 bilhões, em uma área de 460 mil hectares. A região Sul é responsável por 93,8% da produção brasileira, sendo que o Rio Grande do Sul responde, sozinho, por mais da metade da produção total.

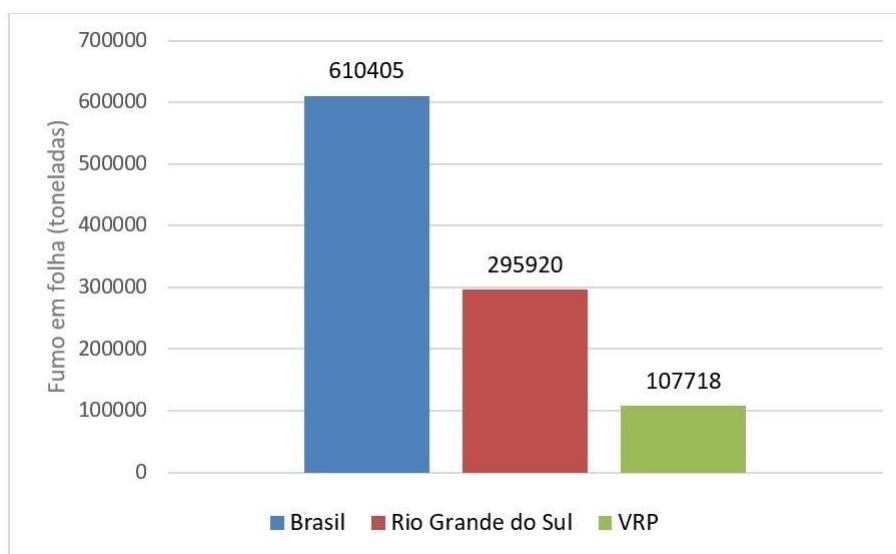
Vargas e Oliveira (2012) constataram que, de acordo com os dados do IBGE (2021), a cultura do fumo está presente em 763 municípios ou 65% dos municípios da região Sul. Considerando somente os municípios em que produção fumageira seja superior a 20 toneladas, chega-se a 645 municípios (144 no Paraná, 223 em Santa Catarina e 278 no Rio Grande do Sul).

No Rio Grande do Sul, a produção de fumo concentra-se principalmente nas mesorregiões Centro Oriental (200 mil toneladas), metropolitana de Porto Alegre (67 mil toneladas), Sudeste (60 mil toneladas) e (56 mil toneladas) na mesorregião Noroeste (VARGAS; OLIVEIRA, 2012).

Apenas a região do Vale do Rio Pardo produziu, segundo o Censo Agropecuário- IBGE (2017), 107.718 toneladas de fumo em folha, representando 36,4% da produção estadual.

Com 154 mil produtores integrados, um universo de aproximadamente 615 mil pessoas participa do ciclo produtivo no meio rural, somando uma receita bruta anual de R\$ 5 bilhões (SINDITABACO, 2021).

Figura 8 - Produção de fumo em folha seca a nível Brasil, Rio Grande do Sul e Região do VRP.



Fonte: Censo Agropecuário (2017).

Segundo dados do Ministério da Fazenda/MDIC (2020), entre os principais produtos exportados pelo Rio Grande do Sul em 2019, após a soja, que detém 22% das exportações, está o fumo, que representa 8,02% do total, com aproximadamente US\$ 1.487.126.000,00 das exportações do estado. Considerando os principais blocos econômicos, a Europa e a Ásia foram os principais destinos das exportações gaúchas de fumo em 2019. A Bélgica foi o principal comprador do fumo gaúcho, com US\$ 3,92 bi, seguido pela China, com US\$ 3,83 bi (COMEX STAT -MDIC, 2020).

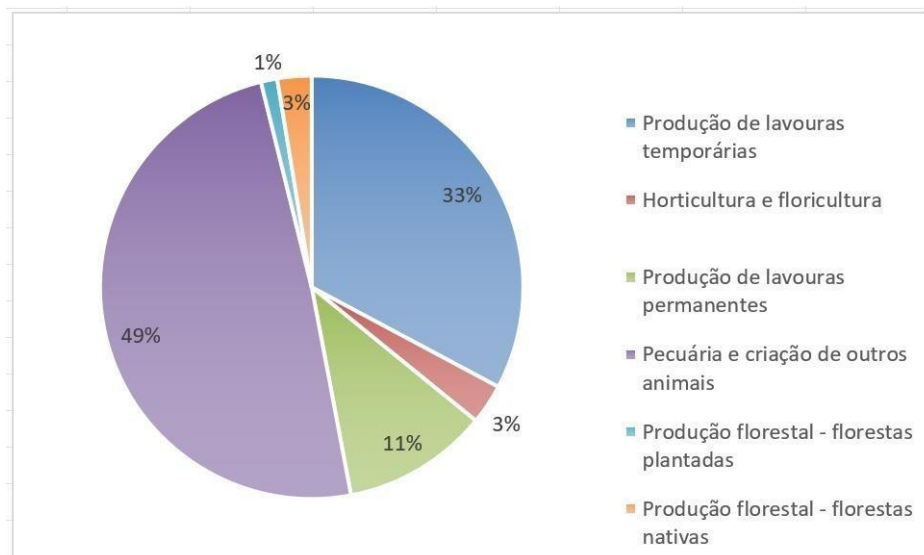
O PROCESSO DE DIVERSIFICAÇÃO DA REGIÃO DO VALE DO RIO PARDO

Breitbach (2014), insiste que a dinâmica regional não está assentada exclusivamente no fumo, mas apresenta diversos ramos produtivos relativamente sólidos e promissores". Através da metodologia de Almeida e Ribeiro (1991) citado por Breitbach (2014), a microrregião foi caracterizada como diversificada por apresentar pelo menos três gêneros produtivos com peso superior a 10% cada um e cuja soma não ultrapasse 60% de pessoas ocupadas.

Enquanto à nível Brasil 33% dos estabelecimentos agropecuários são ocupados primordialmente na produção de lavouras temporárias, o Vale do Rio Pardo demonstra que a maioria dos seus estabelecimentos rurais se ocupam dessa atividade, representado por 79% dos estabelecimentos. O Rio Grande do Sul, no

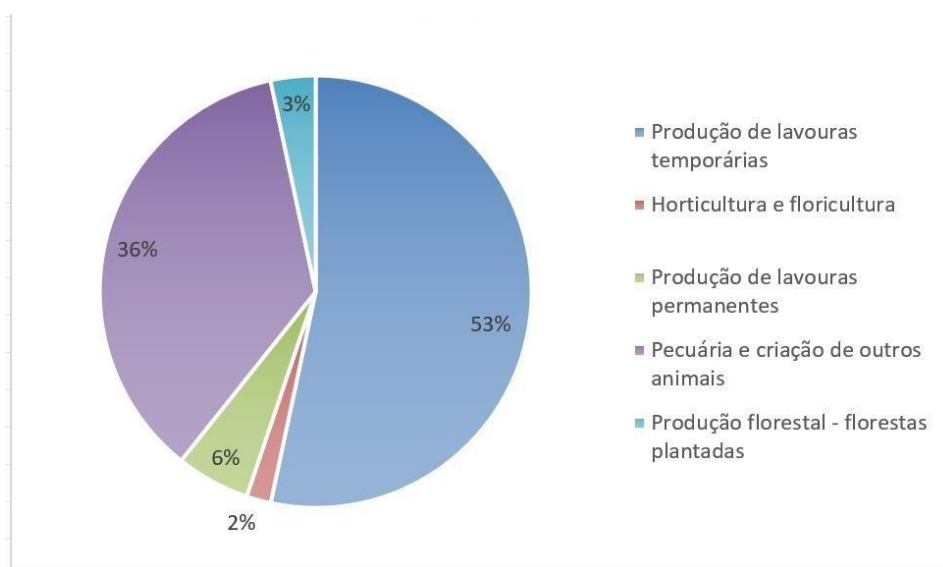
geral, tem 53% dos seus estabelecimentos nessas atividades

Figura 9 - Número de estabelecimentos agropecuários envolvidos em cada cultura no Brasil



Fonte: Censo agropecuário, 2017.

Figura 10 - Número de estabelecimentos agropecuários envolvidos em cada cultura no Rio Grande do Sul

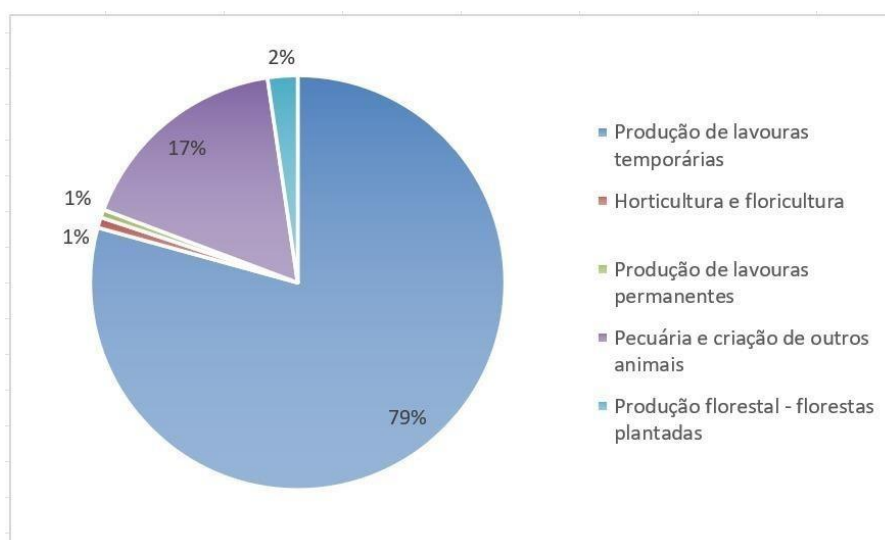


Fonte: Censo agropecuário, 2017.

Dornelles (2015) aborda sobre a agropecuária, as culturas agrícolas predominantes, com maior quantidade produzida, na região de Santa Cruz dividem-se entre banana, erva-mate, laranja, tangerina e uva no que concerne às lavouras permanentes. Arroz, fumo, mandioca, milho e soja nas lavouras temporárias. Os

municípios da Região, excluindo Rio Pardo, apresentaram maior produção temporária de fumo, mandioca e milho, já Rio Pardo, arroz e soja, segundo a Pesquisa Agrícola Municipal (IBGEPAM, 2007, 2010 e 2013 apud DORNELLES, 2015). Na lavoura permanente, a erva-mate e a laranja são os destaques em quantidade produzida, sendo a primeira, produzida somente nos municípios de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires. Nos anos de 2007, 2010 e 2013 (IBGE-PAM apud DORNELLES, 2015), os ganhos obtidos com a produção de erva-mate e laranja representaram 51,94% do montante das culturas permanentes da região. Em linhas gerais, a produção a partir das lavouras permanentes não auferem ganhos comparados as culturas temporárias (com rendimento 48 vezes maior no período). Isto é, os maiores ganhos podem ser verificados no alto valor da produção do fumo em folha, sendo abruptamente superior às demais culturas. No conjunto dos anos 2007, 2010 e 2013 a arrecadação média com o fumo em folha representou 60,04% do montante das culturas temporárias, somando R\$ 428,1 mil reais dos R\$ 713 mil reais arrecadados. Destacamos ainda que no interstício de 2007 a 2013 o crescimento da arrecadação no valor de produção do fumo em folha saltou 49,06% dos R\$ 351,9 mil para R\$ 524,6 mil (IBGE-PAM, 2009 e 2010 apud DORNELLES, 2015).

Figura 11 - Número de estabelecimentos agropecuários em cada cultura no Vale do Rio Pardo.

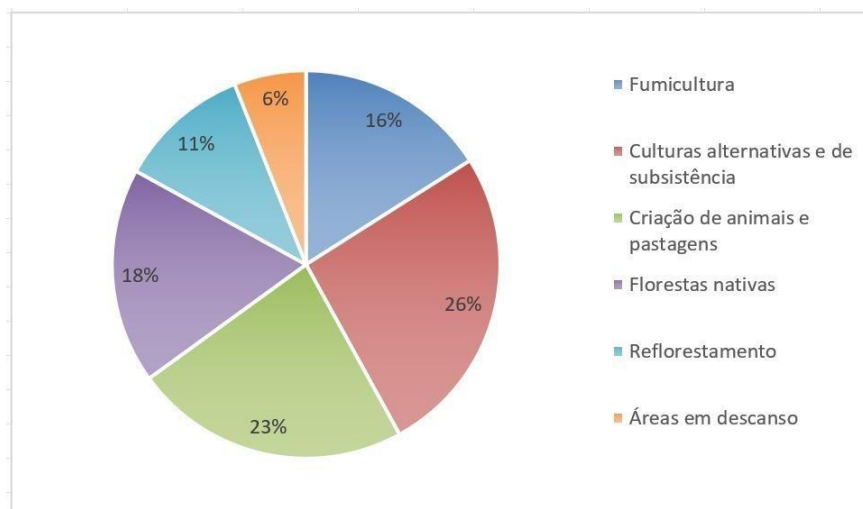


Fonte: Censo agropecuário, 2017.

Stein e Conterato (2013) reconhecem que no universo de predominância da agricultura familiar há a presença de agricultores não familiares, o mesmo ocorrendo com a presença de agricultores familiares nas regiões de predominância da agricultura

não familiar.

Figura 12 - Utilização da área nas propriedades fumicultoras no Brasil



Fonte: Dutra e Hilsinger (2013).

Dutra e Hilsinger (2013) analisaram os dados e concluíram 26% da área da propriedade é reservada para culturas alternativas e de subsistência, 23% ficam para criações de animais e pastagens, 16% são ocupadas pela fumicultura, 18% com florestas nativas, 11% com reflorestamento e 6% por áreas sem uso. Mesmo que o fumo ocupe pequenas extensões da área total da propriedade rural, ele é responsável por consolidar a renda do grupo familiar.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo tem um caráter investigativo e analítico, uma vez que parte da busca sistemática da solução de um problema, gerando conhecimentos úteis para pleitear a solução destes (BOAVENTURA, 2004).

O procedimento metodológico utilizado neste trabalho consiste em uma abordagem teórica estudada, estatísticas e estudos científicos. Com base nos objetivos propostos para este trabalho, o modo de investigação escolhido para a sua execução foi a análise bibliográfica. Para a coleta das informações, foram analisados indicadores socioeconômicos com o auxílio especialmente dos censos estatísticos do IBGE, além das informações disponíveis em órgãos rurais, bibliografias e documentos.

A análise dos dados do Censo Agropecuário e de dados divulgados pela

associação de fumicultores possibilitou uma visão holística sobre as características da fumicultura e da população rural envolvida neste setor econômico que envolvam, principalmente, a permanência da população envolvida no cultivo, produção e beneficiamento do fumo.

Esta investigação dos dados coletados e interpretados visa, assim, aprofundar a identificação do cenário socioeconômico e as perspectivas das famílias que atuam no setor fumageiro da região do Vale do Rio Pardo.

CONCLUSÕES

A relevância da cultura do fumo pode ser verificada na quantidade de famílias envolvidas, considerando que se trata de uma cultura que ocupa pequena área de cultivo, onde, atualmente, possui baixo uso de mecanização e, por consequência, exige grande quantidade de mão de obra

Apesar das críticas feitas a esse tipo de cultura, inclusive pela própria Convenção-Quadro (OMS) para Controle do Tabaco (CQCT/OMS) pequenos agricultores continuam investindo na plantação de fumo. Constata-se que as famílias produtoras de fumo são altamente dependentes economicamente desta cultura. Em torno de metade das famílias produtoras de fumo, particularmente as que produzem o fumo Virginia, também conhecido como fumo de estufa, depende exclusivamente da renda do fumo, produzindo em pouca terra e, muitas vezes, dependendo de terra arrendada de outros.

Os agricultores compreendem que é viável a produção agroecológica e o fato de comercializarem em grupo favorece o reconhecimento da agricultura familiar, bem como tem possibilitado a permanência das famílias no campo.

Além disso, contratos de integração é um dos principais atrativos, já que garante os insumos dentro da propriedade, assistência técnica, mercado garantido, transporte do produto e renda. O ponto fraco é que o sistema de integração vincula a família ao pacote tecnológico da indústria, incluindo processos contínuos e permanentes.

Avaliando os diversos programas de apoio à diversificação que ocorrem entre produtores rurais e poder público e entre produtores rurais e cooperativas/ empresas, corroboram que as possibilidades são inúmeras. O que se pode afirmar é que não há um único produto que possa ser adotado como alternativa ao plantio do fumo e nem uma única maneira. Defende-se uma estratégia de diversificação que respeite a história, a cultura, as aptidões e as capacidades de cada família, na comunidade e no espaço local.

Analisando o aspecto da renda e considerando que há muito tempo vem sendo desenvolvidos programas de apoio aos produtores de fumo, principalmente na região do Vale do Rio Pardo, os dados demonstram que há muita possibilidade de crescimento e aumento da renda na agricultura familiar. A produtividade também é outro ponto bastante relevante, tendo em vista que, apesar de a área de terras

ocupada ser similar ao longo dos anos, o valor arrecadado com a venda do fumo em folha seca e de seus subprodutos aumentou consideravelmente.

REFERÊNCIAS

Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA) 2016.

Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA) (2021). Fumicultura. Disponível em: <<https://afubra.com.br/fumicultura-brasil.html>>. Acesso em: 25/11/2021.

BIOLCHI, M. A. A cadeia produtiva do fumo. Revista do Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais. Ano V, n. 5. Curitiba. 2005.

BOAVENTURA, E. M. Metodologia da Pesquisa: monografia, dissertação e tese. São Paulo: Atlas, 2004.

BREITBACH, Áurea Corrêa de Miranda. A região de Santa Cruz do Sul e o fumo: panorama de uma "especialização" nociva. Indic. Econ. FEE, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 43-62, 2014.

BREITBACH, Áurea Corrêa de Miranda. A região de Santa Cruz do Sul e o fumo: panorama de uma "especialização" nociva. Indicadores Econômicos, FEE, Porto Alegre. v. 42, n. 1, 2014.

BRUMER et al. Juventude rural e divisão do trabalho na unidade de produção familiar. In: Congresso Internacional Rural Sociology Association (IRSA), Rio de Janeiro, Anais, 2000.

BRUMER, Anita. "Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul". Estudos Feministas, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004.

BONATO, A. A. Desafios e potencialidades para a diversificação na agricultura familiar produtora de tabaco: Estudo a partir dos diagnósticos realizados nas unidades de produção familiar da chamada pública de ATER para a diversificação nas áreas de cultivo de tabaco. PNUD/MDA/SAF/DATER. 2013

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento. Programa de Aquisição de Alimentos – PAA. Brasília: Gráfica da Conab, 2010.

STEIN, A. Q.; CONTERATO, M. A. AGRICULTURA FAMILIAR E AGRICULTURA NÃO FAMILIAR EM MICRORREGIÕES SELECIONADAS DO RIO GRANDE DO SUL: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO CENSO AGROPECUÁRIO 2006. Ensaio FEE (Online), v. 34, p. 1035-1062, 2013.

DORNELLES, M. Dinâmicas territoriais na região de Santa Cruz do Sul – RS. UNISC. 2015.

DUTRA, E. D. S. A cadeia produtiva do tabaco na região sul do Brasil: perspectivas e horizontes, (2013).

DUTRA, ÉDER J., & HILSINGER, R. A cadeia produtiva do tabaco na região Sul do Brasil: aspectos quantitativos e qualitativos. Geografia Ensino & Pesquisa, 17(3), 17–33, 2014.

ESAU, C., & DEPONTI, C. M. Tomada de decisão pela diversificação: uma alternativa para agricultura familiar na microrregião de Santa Cruz do Sul/RS. DRd - Desenvolvimento regional em Debate, 439–460. 2020

ETGES, V. E. Sujeição e Resistência: Os Camponeses Gaúchos e a Indústria do Fumo. Santa Cruz do Sul: Editora da FISC, 1991.

ETGES, Virginia E. Sujeição e Resistência: os camponeses gaúchos e an indústria do fumo. Santa Cruz do Sul: FISC. 1991.

FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. *FAOSTAT*. Roma. 2020. Disponível em: <<http://www.fao.org/faostat/en/#data>>. Acesso em 16/07/2022.

FEIX, R. D.; LEUSIN JÚNIOR, S. Painel do agronegócio no Rio Grande do Sul — 2019. Porto Alegre: SEPLAG, DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 2019.

GRESSLER, Paulo. Os velhos Gressler. Candelária: Tipografia Francisco Schmidt, 1949. p. 126.

GUILHOTO, J. J. M.; AZZONI. C. R.; SILVEIRA, F. G. PIB da agricultura familiar: Brasil-Estados. Brasília: Nead Estudos, 2007. p. 172.

HILSINGER, R. O território do tabaco no sul do Rio Grande do Sul diante da convenção quadro para o controle do tabaco. Tese de Doutorado. 223 f. 2016.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Agropecuário – 2006. Disponível em:<<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/ca/>>. Acesso em 30/11/2021.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Agropecuário – 2017. Disponível em:<<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/ca/>>. Acesso em 30/11/2021.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA)/ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO (FAO). Novo Retrato da Agricultura Familiar – O Brasil Redescoberto. Projeto de Cooperação Técnica. Brasília, 2000.

KARNOPP, Erica. Desenvolvimento regional entre verticalidades e horizontalidades: a Agricultura Familiar em questão. Revista do Departamento de Geografia, v. 27, p. 282-295, 2014. KARNOPP, Erica et al. Agroindústrias Familiares no Sul do Brasil: o território na perspectiva do desenvolvimento. RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico, v. 1, n. 1, 2016.

LIMA, L. B. O papel dos assistentes sociais nas equipes interdisciplinares do Programa Controle do Tabagismo da rede pública de saúde do Distrito Federal. Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Serviço Social) - Universidade de Brasília. 2015.

LUDWIG, A. Santa Cruz. Santa Cruz do Sul: manuscrito (AHCM), 1949, p. 257.

MENEZES, João Bittencourt. Município de Santa Cruz. Santa Cruz: Lamberts & Riedl, (1914).

MEYER, L. M. A relação entre produtores e a agroindústria fumageira em Santa Cruz do Sul/RS. Dissertação (Mestrado)-UFSC. 1993.

Ministério da Fazenda, Secretaria da Receita Federal/MDIC. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/comex-vis>>. Acesso em: 05/03/2022

NARDI, Jean Baptiste. A história do fumo brasileiro. Rio de Janeiro: ABIFUMO, 1985. p. 22.

PETRY, H. A.; SILVEIRA, R. L. L. Plano estratégico de desenvolvimento regional do Vale do Rio Pardo (2015-2030). UNISC. 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11624/1761>>. Acesso em: 30/11/2021

RUDNICK, Carlise Schneider; WAQUIL, Paulo Dabdab. Relações contratuais no Sistema Integrado de Produção do Tabaco (SIPT): relações de confiança e contratos. In: SILVEIRA, R. L. L. da (Org). Tabaco, Sociedade e Território: relações e contradições no Sul do Brasil. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, p. 89 – 122. 2012.

RUFFONI, Janaina; BALDI, M.; LOPES, Fernando Dias; FLORES, R. K. O papel das relações interorganizacionais na eficiência coletiva: um estudo de caso do APL Agroindústrias e Alimentos do Vale do Rio do Pardo, Rio Grande do Sul. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SCHNEIDER, Sergio; PERONDI, Miguel Ângelo; GREGOLIN, Adriana Gregolin. Referências para o desenvolvimento de alternativas economicamente viáveis à produção de tabaco e à diversificação dos meios de vida dos agricultores. Ministério do Desenvolvimento Agrário. 2009

SILVEIRA R. L. L. et al. Expansão da cultura do tabaco no sul do Brasil (1996-2006): características, mudanças e persistências na produção de tabaco e nos usos do território. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, v. 17, n. 987, 2011.

SINDITABACO. Estatísticas e Infográficos. 2021. Disponível em: <<https://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/estatisticas/>>. Acesso em: 25/11/2021

TROIAN, A. Percepções e projetos de jovens rurais produtores de tabaco de Arroio do Tigre/RS. 2014. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

VARGAS, M. A.; OLIVEIRA, B. F. Estratégias de diversificação em áreas de cultivo de tabaco no Vale do Rio Pardo: uma análise comparativa. Rev. Econ. Sociol. Rural [online]. 2012, vol.50, n.1, pp. 157-174. ISSN 0103-2003.

VOGT, O. P. A produção de fumo em Santa Cruz do Sul, RS (1849-1993). Dissertação de mestrado. 1994.

ZIMMERMANN, M. Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco: perspectivas da fumicultura na região sul do país. Itajaí; s.n; 2009.